

# O visitante dos museus é jovem, tem formação e procura-os porque a arte lhe dá prazer

**Museus**  
Lucinda Canelas

**Novo estudo de públicos abrange 14 museus nacionais. Mostra que mais de metade dos seus visitantes é estrangeira**

A Direcção-Geral do Património Cultural juntou-se ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa para fazer um Estudo de Públicos dos Museus Nacionais, cujos primeiros resultados foram apresentados ontem, em Lisboa.

E o retrato-robot do visitante dos museus nacionais – o termo técnico é “perfil social predominante” – aponta para uma pessoa relativamente jovem (média de idades é de 41 anos no público nacional, 43 no estrangeiro), qualificada em termos de escolaridade e de ocupação profissional, que vai ao museu pelos mais diversos motivos e, geralmente, uma vez só (oito em cada dez são estreantes).

“Estes dados mostram-nos que o visitante, que procura saber mais, mas que entra também simplesmente porque isso lhe dá prazer, conhece muitos museus nacionais, mas geralmente só os visita uma vez”, explicou ao PÚBLICO o coordenador do estudo, José Soares Neves, apontando como área onde existe “uma margem de progressão muitíssimo grande” a da comunicação e como sector onde há “espaço para melhorias” o das exposições temporárias.

“Quando dizemos que um em cada quatro visitantes estrangeiros é francês, ficamos com a ideia de que o francês como língua deve voltar aos suportes de informação dos museus”, explica o coordenador, “mas quando verificamos que o inglês das legendas, por exemplo, que devia ser regra, ainda não existe em todos, percebemos que há ainda muito a fazer na uniformização das práticas.”

O objectivo do estudo é caracterizar o público dos 14 museus geridos pelo Ministério da Cultura através da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), desenhando o perfil global do visitante. Isto para que, com esta informação nas mãos, o Governo e os serviços técnicos possam definir estratégias para uma maior captação e fidelização dos públicos.

Aos jornalistas, no final da sessão de apresentação, o ministro da Cultura garantiu que não tenciona guardar na gaveta este estudo, cujos resulta-



**MNAA apostou em exposições temporárias de grande visibilidade**

dos finais, museu a museu, deverão ser conhecidos até ao final de 2017. Dizendo que um dos seus objectivos programáticos é a revitalização da Rede Portuguesa de Museus (RPM), composta por 146 entidades com tutelas variadas, Luís Filipe Castro Mendes defendeu que nada melhor do que começar pelos da casa. “Olhando para este estudo percebemos que a gratuidade [o primeiro domingo de cada mês] é importante, mas que é preciso comunicar melhor os descontos” para que todos compreendam que eles não se limitam a um dia por mês, disse o ministro. “Isto é fundamental, porque os museus podem e dever ser espaços sem barreiras sociais.”

## Funcionários no topo

O estudo foi feito ao longo de um ano nos 14 museus (dez da Área Metropolitana de Lisboa, três do centro e um do Norte), com base em quase 14 mil questionários validados (47% portugueses, 53% estrangeiros). As pessoas – todas com 15 ou mais anos – responderam ao questionário *online* nos computadores que foram postos à disposição no final de cada percurso de visita. As perguntas que dele constavam estavam orientadas para avaliar, por exemplo, a relação do visitante com a exposição e a notoriedade dos museus afectos à DGPC, dando espaço à recolha de sugestões para melhorar a experiência do público.

Em 2015, estes museus atraíram um total de 1,2 milhões de pessoas, número que inclui as com menos de 15 anos, que fazem com que, no universo global e não apenas no universo do inquérito, sejam ainda mais os portugueses do que os estrangeiros a visitá-los (640 mil os primeiros, 591 mil os segundos).

Os resultados agora apresentados são uma primeira síntese global do inquérito de públicos e permitem dizer, por exemplo, que a avaliação que os visitantes fazem dos museus é bastante positiva (o grau de satisfação geral é de 96,7%), com quase metade a acharem que correspondeu ao esperado e 32% a defenderem que ficou acima das expectativas. Mais de metade, aliás, recomendaria a visita a amigos e colegas.

## A avaliação que os visitantes fazem dos museus é bastante positiva: o grau de satisfação geral é de 96,7%

No topo da lista dos pontos fortes dos museus nacionais está o acolhimento dos que neles trabalham (98%), algo que não passou despercebido ao ministro da Cultura: “O que me agrada nos museus portugueses é a dedicação dos seus funcionários”, disse, salientando que gostaria de ver estes equipamentos produzir “mais publicações”, “mais informação” e generalizar o uso da língua francesa. Isto porque, no universo de estrangeiros que respondeu ao questionário (53%, 72% dos quais europeus), o peso dos visitantes franceses é muitíssimo significativo: um em cada quatro, com a França claramente à frente seguida de um pelotão liderado por países como o Brasil, a Espanha, a Itália, o Reino Unido e os Estados Unidos.

Entre os visitantes, 37% manifestam intenção de voltar ao museu

durante o ano seguinte e o principal motivo evocado para o regresso é o das novas exposições (65%).

Nesta matéria, e atendendo a que os directores dos museus têm vindo a alertar nos últimos anos para a inexistência de verbas para programação, a directora-geral do Património, Paula Araújo da Silva, avançou uma solução – fazer exposições temporárias que possam ser prolongadas no tempo. “Em vez de durarem um mês, passam a durar três ou quatro. É uma maneira de contornar as dificuldades financeiras”, disse ao PÚBLICO.

“Num contexto de escassez, como o que vivemos, acredito que seja difícil manter um ritmo constante de exposições temporárias, mas elas são importantíssimas para levar o público nacional a regressar a um museu que já conhece”, acrescentou o coordenador do estudo.

## O caso de Arte Antiga

Um dos equipamentos deste universo de 14 que mais têm apostado em exposições temporárias de grande visibilidade é o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), que registou um decréscimo assinalável de públicos de 2014 para 2015 (menos 26%, dos 221 mil para os 164 mil) e que tem na calha uma muito aguardada ampliação. Falando sobre ela, Castro Mendes disse que os terrenos necessários ao seu crescimento foram já comprados pela Câmara de Lisboa e que “falta agora estudar e orçamentar a ampliação”.

O ministro não ficou o tempo suficiente para reagir a outra reivindicação do director de Arte Antiga. Numa conversa recente com o *Diário de Notícias*, António Filipe Pimentel voltou a reclamar um “novo estatuto jurídico para o MNAA quanto antes”, capaz de lhe dar mais autonomia. Foi a directora-geral quem falou sobre um eventual regime especial para Arte Antiga e sobre os argumentos do seu director: “São observações inteligentes, feitas por uma pessoa inteligente que tem feito um excelente trabalho. Está tudo em discussão. Não há conclusões.”

O estudo agora apresentado, “que conheceu três directores-gerais”, lembrou Fernando Nogueira, presidente da Fundação Millennium BCP, um dos mecenas do projecto (o outro é a empresa de telecomunicações Oni), não ficará por aqui, já que a sua matriz poderá vir a ser aplicada às 146 entidades que integram a Rede Portuguesa de Museus, vindo ainda a ser aprofundada nos 14 museus agora abrangidos.